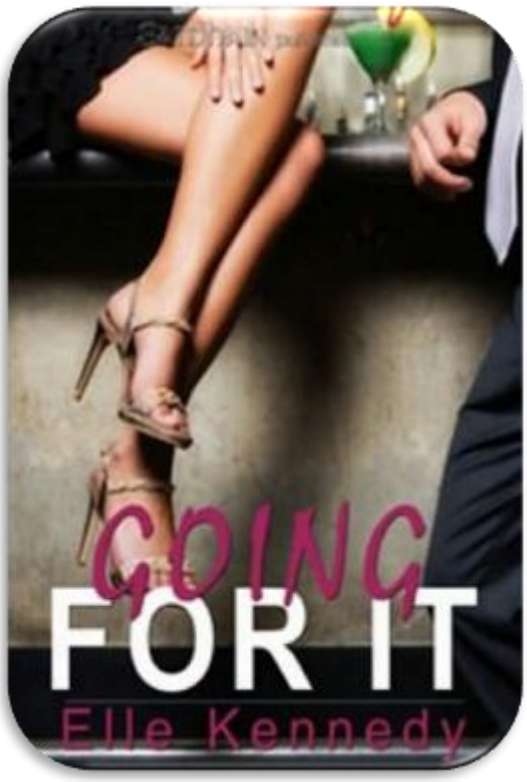

Elle Kennedy

A seu Favor

Sam Taylor desejou Riley Scott, um ex-jogador de beisebol, por muito tempo. Agora, que sua parte do negócio foi vendida sem que ela soubesse, falida e nada a perder, se recusa a deixar a cidade sem conseguir a única coisa que sempre desejou: Riley em sua cama. Riley tem a reputação de um jogador dentro e fora do campo de beisebol. Ele desejou Sam durante anos, mas valorizava muito sua amizade para deixar que o sexo a arruinasse. Agora, depois de uma aposentadoria forçada, está em busca de um propósito em sua vida. O bar de Sam, O Diamond, é exatamente o que precisava. Mas antes de poder revelar que é o novo proprietário, encontra-se como vítima de sua própria sedução. Enquanto sucumbe diante dos encantos femininos, começa a pensar que possivelmente há uma forma em que possa ter tudo, O Diamond, a mulher e a amiga. Até que ela irá descobrir que ele é o responsável por tirar seu bem mais precioso.

Disp em Esp: *ShadowSide*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Cris Reinbold*
Revisão Final: *Milo SF*
Formatação: *Greicy*
Tiamat - World

Comentário Revisora Cris Reinbold: Livrinho lindo com uma historinha envolvente, com pitadas hot, só achei que a mocinha foi muito boazinha com ele no final, eu teria o feito sofrer mais....KKKKKK

Comentário da Revisora Milo SF: Livro interessante. A personagem é bem diferente daquelas mocinhas que estamos acostumadas que querem homens másculos, mas que sejam carinhosos. Aqui ela pouco se importa de quem Riley seja. Quer apenas o prazer de uma noite e se entrega para o homem que tanto deseja e ponto final. Ele se surpreende com esta investida tão direta. A história roda toda em torno de verdades e mentiras. A verdade que os dois se sintam atraídos e a mentira que Riley esconde e que pode definir o futuro com a mulher que tanto deseja mas nunca soube.

Capítulo 1

Sam Taylor tinha mais três pontos para terminar com sua lista de tarefas antes de partir de Chicago para sempre.

Um: Empacotar.

Dois: Reunir-se com as garotas para uma última noite de tequila.

Três: Seduzir Riley Scott.

O número um e dois poderiam esperar até o fim de semana, mas o terceiro… era um que esteve adiando durante muito tempo.

Queria dormir com Riley desde o momento que entrou em seu bar faz dois anos. Bom… ele não andava, exibia-se. Mostrava-se no Diamond, vestido em um par de jeans desbotados que modelavam suas coxas e seu firme traseiro, uma camiseta preta que estendia por todo seu apertado tórax e um pequeno sorriso fanfarrão que dizia “quero fazer sexo”.

E conseguiu sexo. Só que não com ela. Dez minutos depois, os jogadores retirados do Chicago White Sox entraram arrogantemente em seu estabelecimento, uma ruiva se aproximou dele, o convidou para um drink e o levou do bar.

Cadela!

Depois disso, Riley converteu em hábito visitar o Diamond. Às vezes ia com uma mulher; às vezes sozinho. De qualquer maneira, nunca ia com ela. Especialmente machucava seu ego, já que ela possuía os três Bs que Riley parecia adorar em uma mulher - cabelo loiro, olhos azuis e peitos grandes[1].

[1] *Blonde hair, Blue eyes and Big tits no original*

Mas não! O Deus moreno do sexo não teve escrúpulos em flertar com ela, mas flertar era o mais longe que chegava. Ele nunca se insinuou. Nem sequer uma vez!

Assim, como ela ia embora da cidade em três dias, era tempo de insinuar-se.

Inclinando contra a barra cromada, Sam estudou o salão, fracamente iluminado, com a esperança de visualizar o objeto de sua afeição sexual, sem sorte. Sabia que Riley apareceria esta noite e, quando o fizesse, ela se lançaria a ele.

Os cubos de gelo em seu copo deslizaram uns contra os outros quando levou sua limonada a seus lábios e tomou um gole comprido e refrescante. Não estava apenas ruborizada; seu coração palpitava irregularmente contra seu peito, a antecipação de seduzir finalmente Riley Scott era tão forte que poderia prová-la em seus lábios.

Não havia dito nada a suas melhores amigas, Jane e Callie, sobre seus planos; em sua maior parte porque sabia que elas tentariam fazê-la desistir disso. A reputação de Riley, fora do beisebol, era tão legendária que era o único ainda falado pelos comentaristas esportivos, e ela não era suficientemente ingênua para pensar que obteria qualquer outra coisa, que não fosse sexo, dele. Ele era um jogador até os ossos, um Casanova[2] consumado, só que menos romântico e mais travesso.

OH! Escutou histórias travessas sobre Riley Scott… por certo, muitas delas diretamente de sua boca *sexy*. Riley e ela se tornaram próximos através dos anos. Platonicamente próximos, é óbvio. Ela tinha a sensação de que ele a via como um amigão, outro de seus colegas jogadores de beisebol com quem podia brincar e falar sobre suas conquistas. Bom, estava doente de viver em território amigão. Depois de dois anos de fantasiar com seu amigo, era tempo de deixar de sentar-se no banco de reservas e procurar uma posição principal,em uma dessas sujas histórias que gostava de contar.

Sua vida foi um desastre ultimamente! Não fez sexo em meses. Foi forçada a vender o Diamond, que era o único pertence que tinha e que trouxe algum prazer a ela, e agora também tinha perdido seu apartamento. Começar de novo seria bom para ela. Era o que esperava. Mas não tinha intenção de deixar a cidade com arrependimentos, e não pular em cima de Riley poderia ser o maior arrependimento de todos. Como se um poder divino a tivesse avisado, a porta do Diamond se abriu e entrou exibindo-se o homem que ela planejava foder até perder todos os sentidos esta noite.

Conteve um sorriso e observou como ele pedia uma cerveja a uma garçonete que passava, enquanto caminhava para a mesa de sinuca. Um minuto mais tarde, enganou um menino da faculdade para jogar algumas rodadas. Pobre menino! Além de ter um delicioso traseiro, Riley era também um jogador de sinuca de primeira categoria. Sam viu isso acontecer com uma dúzia de meninos despreparados.

Ficou olhando por um momento, sentindo-se como um falcão atrás da sua presa. Quando seus olhos se fartaram, desceu do banco do bar e, finalmente, andou até a mesa de sinuca.

[2] *Um homem promíscuo; namorador.*

Riley deu uma olhada para cima enquanto se aproximava a curvilínea loira. Tomou um segundo para percorrer com seu olhar a apertada camiseta sem mangas e seu jeans, então encontrou seus olhos.

— Olá, Sam.

— Preciso falar contigo — disse ela em vez de cumprimentá-lo.

Ele fez um gesto para ao taco de sinuca em sua mão.

— Pode esperar?

—Não

Riley ficou intrigado instantaneamente**.** Não era habitual que Sam Taylor, a insolente e pequena proprietária do Diamond, o fizesse exigências. Com esta intriga, de qualquer forma, veio um lampejo de preocupação ainda que se entretivesse e pediu ao menino que jogasse. Ele veio aqui esta noite com o único propósito de falar com ela, e não pôde evitar perguntar se já sabia o que planejava dizer. Seus pálidos olhos azuis tinham um brilho sério para ele, sua delicada mandíbula estabeleceu uma determinação que fez que suas mãos umedecessem. *Merda!* Queria que ela escutasse dele, mas, obviamente, as notícias já a alcançaram.

O que significava que agora precisava explicar a uma mulher que realmente o agradava, e que respeitava, o porquê de ter comprado o Diamond pela suas costas e arruinado bruscamente sua vida.

Olhou para seu adversário e disse:

—Eu perco.

Então deixou cair o taco sobre a mesa de feltro e seguiu Sam a uma das distantes cabines do canto, no outro extremo do setor de fumantes. Seu olhar fixo, instantaneamente, descansou em seu tenso e pequeno traseiro, seus dedos fazendo cócegas com o impulso de apertar a arredonda carne. Tentou sufocar a indesejada sacudida de desejo que percorria por sua coluna e se apoderou de suas bolas. Ela sempre conseguiu fazer isto, enviá-lo a um estado de luxúria cega, e francamente, não tinha uma maldita ideia de como conseguiu manter suas mãos longe dela por tanto tempo.

Ela é diferente!

Reprimiu um suspiro, sabendo que a voz em sua cabeça tinha razão. Apesar do que outras pessoas pudessem pensar, ele tinha, de fato, uma consciência, e dois anos atrás essa consciência havia dito que fazer travessuras com Sam Taylor era muito sórdido, inclusive para ele. A verdade era que gostava dela. Teria gostado de fode-la, mas, como a voz disse, ela era diferente. No mesmo momento em que a conheceu soube que ela não era alguém com quem se possa brincar. Era muito preciosa, inteligente e carinhosa para ser tratada como uma aventura de uma noite. E isso é tudo o que Sam conseguiria dele. Não estava pronto para se relacionar, nunca o esteve, e depois que Sam e ele se conheceram mais, desenvolveram uma amizade platônica que nunca acreditou ser capaz de manter. Deu-se conta de que fode-la estava oficialmente fora de questão.

Mas você não irá perturbá-la mais, ou sim?

Desejou seriamente que sua consciência enterrasse sua cabeça na areia e deixasse de recordar suas turvas ações. Sim, havia pedido a seu diretor financeiro, que por acaso era seu

amigo, não estendesse o empréstimo para ela. Diga que sou um idiota, pensou, mas quis o Diamond. Desde que foi obrigado a parar esteve procurando uma forma de passar o tempo. Quando ficou sabendo das dificuldades financeiras de Sam, não foi capaz de deixar passar a oportunidade de se lançar sobre o Diamond, e nem sequer sua afeição pela atual proprietária pôde o deter de comprar o bar.

Armando-se para uma briga, desceu do assento em frente dela e arqueou uma escura sobrancelha.

— Então, o que tem em mente? — perguntou.

— Sexo!

Huh?

Piscou um par de vezes. Perguntando se ouviu bem ou se o desejo que sentia por esta mulher o estava fazendo alucinar.

— Sexo!— Repetiu ele, embora fosse difícil falar quando sua boca havia se convertido no deserto do Saara.

— Sim.

OK. Ela queria falar sobre sexo? Ele estava preparado para uma confrontação, mas não estava preparado, de maneira nenhuma, para falar sobre o tema de sexo com a única mulher que sempre quis em sua cama.

Tragou, trazendo a tão necessitada umidade a sua árida garganta. Não obstante, sua boca secou no segundo em que Sam se inclinou para frente e descansou seus cotovelos na mesa. Seu olhar desviou para seus seios. Seus muito alegres seios e sem sutiã. Senhor! Por que não estava usando um sutiã? A visão de seus mamilos aparecendo pelo magro material de sua camiseta preta sem manga, quase fez com que seus olhos saíssem das órbitas. Sempre gostou de seus seios, sempre perguntou como se sentiriam sob suas mãos, como seriam seus mamilos quando os chupasse entre seus lábios.

—Riley?

Sua cabeça fez um movimento brusco para cima e quando encontrou seu olhar pôde jurar que viu um brilho de satisfação em seus olhos.

O que estava tramando exatamente.

Esclareceu sua garganta.

— Sinto muito. O que dizia?

— O que estava dizendo… — disse com um sorriso atrevido — É que quero falar de sexo. Na verdade, nada disso. Não quero falar sobre sexo, quero fazê-lo!

Seu pênis rapidamente levantou contra sua braguilha.

— Tem alguém em mente? — Ele conseguiu dizer isso.

—Você!

Essa única palavra tragou o oxigênio de seus pulmões e fez com que todo o seu sangue se reunisse na região sul de seu corpo. Seu pênis cresceu ainda mais, como um incômodo bloco de mármore que esticava contra seu jeans. Estava tão duro que só podia mover, não podia falar.

— Esta de brincadeira? — Pôde perguntar finalmente.

— Não é brincadeira — respondeu com outro sorriso, este mais travesso que o primeiro, e acrescentou a seguir — estive pensando a respeito disto durante dois anos.

Suas mãos tremeram um pouco quando passou através de seu cabelo.

— Esteve pensando em fazer sexo comigo nestes dois anos?

Ela simplesmente assentiu. Não havia necessidade de palavras o olhar ardente em seus olhos azuis dizia tudo. Também fez a forma em que lambeu o lábio inferior.

—Então por que nunca me disse antes?

— Não parecia interessado. —Ela inclinou sua cabeça curiosamente. — Está interessado?

Demônios, sim! Gritou seu pênis.

Nem sequer o pense! Ordenou sua consciência.

Merda!

Assim em lugar de responder sua pergunta, ele perguntou.

—Nunca pensei que fosse do tipo casual. O que fez decidir repentinamente que queria rodar no feno com um playboy como eu?

— Então admite que seja um playboy.

—Claro!

— Prefiro prostituto.

Sua boca se elevou em um débil sorriso.

— Tenho trinta anos, solteiro e rico. Eu tenho me permitido ser um prostituto. Você, por outro lado, é muito boa para mim. Minhas asperezas arranhariam o inferno fora de você.

— Soa pervertido!

Seu pênis moveu uma advertência de que esta conversa estava pisando em um terreno muito perigoso. Ela estava, obviamente, muito séria sobre isto e se ele quisesse deixar o bar com suas intenções honrosas intactas, precisava cortar o mal pela raiz. Agora. Antes que fizesse algo estúpido.

Como fode-la!

— Não finja que não me quer — disse ela, lendo sua mente. — Posso ver em seus olhos Riley. Está interessado!

Ela não sabia nem a metade a respeito disto. Mas, além disso, o que não sabia era que tinha proposto ao homem que estava a ponto de tirar proveito de seus problemas econômicos. Ele estava aí na noite em que ela informou ao pessoal que estava vendendo o bar. Viu a irritação e o desespero em seus olhos. Ele sabia que o Diamond era toda sua vida, que o herdou desde que seus pais morreram em um acidente de carro há cinco anos. Dirigiu este lugar sem ajuda por anos e agora ele se sentia como um total imbecil por tirar isso dela. Mas tampouco podia ignorar a realidade da situação. Sam estava arruinada, o bar estava em apuros, e inclusive se ele não tivesse comprado, ela o perderia de todos os modos.

A realidade, entretanto, não acalmava sua culpa. Sabia que deveria ter falado com ela antes de fazer a oferta pelo Diamond, tentar explicar o porquê estava fazendo e conseguir sua aprovação antes de fazê-lo. Não queria magoá-la e tão pouco perdê-la! A amizade de Sam era uma das coisas boas que sobrara de sua vazia existência, desde a sua aposentadoria, e não queria

perder esta amizade de modo algum. E não estava seguro de que isso fosse possível se falasse a verdade sobre a compra do Diamond.

Lutou para não dormir com ela pela mesma razão, mas, aparentemente, ela não estava preocupada de que o sexo pudesse arruinar a amizade entre eles.

— Sam…!— Reuniu um pouco de sua força de vontade e continuou — Esta não é uma boa ideia.

— Penso que é uma ideia fantástica! — Algo cru e ardente cintilou em seu olhar. — Não vai me rejeitar Riley.

Ele tragou saliva.

— Não?

— Não.

Ela deslizou fora da cabine e ficou de pé. O doce aroma feminino alagou seu nariz e por pouco o estremeceu pela excitação. Céus, agora não. Ele lutou contra sua atração por ela durante dois anos. Como era possível que somente dois malditos minutos pudessem acabar com toda restrição?

—Estou hospedada no apartamento de cima — Disse com um sensual arqueamento de sobrancelhas.

Ele inalou profundamente, perguntando se havia alguma forma de desiludi-la brandamente, mas, ao mesmo tempo, procurava algum modo de segui-la para cima e rasgar a sua roupa.

Ela sentiu sua indecisão e franziu o cenho

— Não me faça te implorar!

E aí estava. Tão somente fez falta um pequeno biquinho e a palavra "implorar" e, oficialmente, se rendeu. A limitação em seu interior se quebrou como uma corda de *bungee jump* Cada gota de sangue restante em seu corpo se disparou para o sul, parando em sua virilha até que estava duro e quente como nunca.

Como podia negar a esta mulher algo que ele desejava muito? Quase podia saboreá-la em seus lábios. Sua sexy essência o fez enjoar-se com luxúria, seus peitos sem sutiã zombavam dele por debaixo de sua camiseta de algodão. Nunca quis tanto uma mulher como esta. Esta ferocidade e necessidade apertaram suas bolas e tirou todo oxigênio de seus pulmões.

Ele tropeçou em seus pés. Ao diabo! Não ia lutar mais! Amanhã diria que comprou o Diamond.

Esta noite ele viveria a fantasia que se negou por muito tempo.

Capítulo 2

— Vem? — perguntou Sam, lançando um olhar por cima do ombro.

— OH, isso pretendo! — respondeu ele em voz baixa.

Uma emoção brotou por todo seu corpo quando arrastou seu olhar ao longe e caminhou em linha reta. Esperava uma pequena resistência, mas, propor a Riley Scott, resultou ser muito mais duro do que o previsto. Sua relutância estava escrita em todo seu belo rosto e, ao mesmo tempo,

viu a forma em que seus olhos brilharam com paixão quando pediu para ir para cama. Ela o desejava e saber que ele correspondia a sua atração, a fez explodir em calafrios. Isto também a fez perguntar por que ele lutou contra isto por tanto tempo?

E por que ele se sentia quase culpado quando foi ela quem havia se insinuado?

Ah, bem! Agora não havia tempo para pensar em nada disso. Finalmente tinha Riley exatamente onde queria, e não ia estragar o que, estava segura, seria a melhor noite de sua vida. Fez com que as ideias dessem voltas em sua cabeça e as analisou até a morte, até que tirou aquelas verdadeiramente divertidas.

Esta noite seria diferente!

Esta noite não teria que pensar.

Ela o conduziu pelo corredor escuro da parte de trás do bar, para as escadas, levando-o ao apartamento do segundo andar. Subiu as escadas sem dizer uma só palavra. Quando fez uma pausa para abrir a porta, ela sentiu o fôlego quente de Riley em seu pescoço. Um segundo depois suas mãos acariciaram seu traseiro.

— Tem um traseiro encantador — Murmurou atrás.

— Espera para ver o resto de mim.

Click. A fechadura abriu e ela empurrou a porta. Então entraram e não acenderam as luzes. Não quis arruinar o momento ligando a luz do estéril e pequeno apartamento. Não queria olhar as caixas com suas coisas nem se lembrar do fato de que estava dormindo em um colchão, em um dormitório vazio. Sentia falta de sua antiga casa. Não! Ela sentia falta de sua antiga vida, a que levou antes que o bar tivesse saído de suas mãos e tivesse sido arrancada da casa de cor café avermelhado, onde viveu durante anos. Tudo porque com muita dificuldade havia voltado a tirar lucro de seu pequeno bar de esquina que, simplesmente, não foi capaz de competir com todos os novos e modernos estabelecimentos que seguiam inaugurando na parte alta do quarteirão. Investiu cada centavo que tinha no Diamond até que esteve total e completamente arruinada, sem um centavo, incapaz de pagar a conta do telefone e muito menos do aluguel. Mas empurrou com força todos os pensamentos desagradáveis para fora de sua cabeça. Neste momento, não queria que nenhum de seus problemas estragasse o que estava por acontecer.

Assim deixou a luz apagada, sorriu para o grande homem sexy de frente para ela e esmagou qualquer desejo de… gentileza no pré-sexo para chegar à bainha de seu Top sem mangas.

Ela tirou a blusa sobre sua cabeça despindo seus peitos.

— São autênticos? — Perguntou Riley com voz áspera e grossa pelo desejo.

— Vem aqui e veja.

Deu dois passos para frente e amassou cada seio, movendo rapidamente seus polegares sobre os mamilos e, então, arrastou suas mãos ao longo da superfície inferior de cada seio.

— Autênticos! — Comentou. — Estranho nestes dias e com esta idade.

Quase ronronou quando acariciou seus peitos, suas mãos grandes e calejadas roçando por cima da sua pele sensível. *Maldição!* Ela desejou isto por muito tempo. Imaginava e fantasiava sobre isto ao final de cada noite, enquanto se tocava. Esteve com outros homens, é óbvio, mas nenhum deles podia ser comparado a este, forte e muito bonito; inclusive mais, era o único que

virtualmente provocava um orgasmo com apenas um olhar pecaminoso. Riley era todo um homem, com arestas toscas e tudo.

— Por que esperamos dois anos para fazer isto? — Ele resmungou enquanto acariciava seus seios. — Pensou, de verdade, que eu iria te rejeitar?

— Não estava segura de ter sacanagem suficiente para você — explicou ela friamente. — Vi as garotas com quem sai do meu bar.

— Tem razão. Não é nem remotamente parecida às mulheres que normalmente levo para casa.

— Por que meus peitos são autênticos?

— Porque me faz rir! — encolheu os ombros batendo em seus peitos. — Porque muitas das conversas que tiveram algum significado em toda minha vida foram contigo. Não queria que o sexo arruinasse nossa amizade. Se fosse um tipo de pessoa responsável teria pedido um encontro.

— Não quero um encontro. Quero foder!

Ela escutou sua respiração brusca e sorriu.

Deu um passo atrás e seus peitos se sentiram frios sem as mãos de Riley acariciando-os. Alcançou o botão de seus jeans e arqueou suas sobrancelhas.

— Assim…

O que fazer com uma garota agora? Entra em seu apartamento, está quente e com tesão e olha fixamente seu corpo meio nu, e… o que faz?

— Realmente quer saber?

—Uh-huh!

— Bom, digo que baixe meu zíper e chupe meu pênis.

Uma dor pulsou entre suas pernas. OH sim! Ela saberia que seria assim. Sujo, exigente e descarado.

— Mas já que é você… — Disse com aspereza. —Em lugar disso perguntarei. Sam quer chupar meu pênis?

Sem incomodar-se em responder essa pergunta, desabotoou suas calças e deslizou o tecido de brim por suas pernas. Os olhos dele se alargaram de novo. Ela não estava usando roupa interior e a expressão de seu rosto dizia que comandar foi uma boa ideia.

Com seus jeans no chão de assoalho ao seu pé, agora estava nua, ardente e molhada, mais do que alguma vez esteve em seus 26 anos. Foi tranquilamente para ele, tomou a parte de baixo de sua camiseta em suas mãos e a tirou. Seu peito era duro como pedra.

Pressionou sua boca em seu peito nu e o beijou. Cheirava a sabão e especiarias. Sua língua se movia lambendo seu mamilo plano castanho. Ele tinha gosto de homem cem por cento.

Deus! Isto era divertido! Fantasiou com isto, por tanto tempo que quase era irreal experimentá-lo.

Esfregou-se contra ele lambendo o peito, beijando-o, chupando os mamilos. Depois foi roçando com sua língua, descendo por seu corpo, e ficou de joelhos. Com hábeis dedos, abriu o zíper de sua calça e a desceu por suas pernas tonificadas, então tirou seu boxer negro. Ele chutou

a calça e o boxer para um lado. Seu pênis grosso e ereto se sobressaia e roçava contra suas bochechas.

Com um tênue sorriso ela inclinou sua cabeça e seus olhares se encontraram.

As pálpebras dele estavam pesadas e os músculos de sua cara se esticaram.

OH, quanto amava esse rosto! Os ângulos duros, a mandíbula definida, sua barba de dias salpicando seu queixo. Masculino, sexy.

— É uma provocadora. — Murmurou com seus olhos cintilando com incontrolada luxúria.

—Sou?

Ela agarrou seu pênis com uma mão, apertando seu estreito traseiro com a outra, e baixou sua boca.

Beijou-o.

Ele estremeceu.

Uma gota de umidade se formava em sua ponta e ela o chupou, saboreando seu salgado sabor varonil. O colocou profundo na boca, passando sua língua ao longo de seu pênis enquanto o bombeava ao mesmo tempo.

— Merda — Riley afogou.

Ela se retirou.

— Acontece alguma coisa?

— Diabos, não! Continua fazendo isso!

Deu-lhe o que queria. As pausas irregulares e os suaves gemidos de Riley a incentivavam a ser mais atrevida. Acariciando seu pênis com suas mãos, brincou com suas bolas com a língua. Logo lambeu do punho até a ponta, uma, duas vezes, com compridos e sensuais movimentos que o faziam gemer de prazer. Ela sentiu seu pênis pulsando contra sua língua e fez-se incrivelmente mais duro, mais quente, quanto mais o provocava. Depois de umas lambidas tortuosas a mais, ela colocou a ponta em sua boca e o chupou, enroscou sua língua em cima de sua pele aveludada, logo chupou de novo. Forte!

Ele gemeu e uma sacudida de prazer subiu por seu corpo e agarrou seus clitóris.

Ela podia ficar ali a noite toda, de joelhos, masturbando-o, mamando, mas a dor entre suas pernas recusava a passar. Só voltava mais forte, palpitando encarecidamente, deixando-a tão úmida e excitada que apenas podia respirar.

Gemendo sobre sua ponta, deu uma última mamada ficou de pé e pressionou seu corpo nu contra o dele.

— Vamos para cama!

— Se puder caminhar… — Respondeu com um sorriso tremente.

— Acredito que conseguirá!

Ela se moveu para o corredor escuro sem voltar para olhar se ele a seguia. Sabia que o faria. Veio até aqui depois de tudo. Nem sequer Riley seria tão cruel para partir agora.

Sorriu quando ouviu seus passos e sentiu sua pesada respiração atrás. Um segundo depois ela parou em seco, surpreendida ao sentir a parte inferior de seu corpo empurrando contra seu

traseiro. Ele abraçou sua cintura com suas mãos calosas e a empurrou contra a parede, pondo a ponta de sua ereção roçando entre suas coxas.

— Quero te foder agora mesmo, justo contra esta parede. — Murmurou Riley entre dentes, plantando beijos com a boca aberta entre as omoplatas.

Ela suspirou.

— Faz!

— Não!

Ele esfregou seu pênis contra sua dobra curvando para baixo, justo o suficiente para que a ponta da cabeça dançasse do outro lado de sua úmida abertura.

— Primeiro quero fazer com que goze. — Adicionou, logo atirou de uma mecha de cabelo loiro solto para poder beijar sua nuca.

Ela se estremeceu.

— Confia em mim! Gozarei no segundo em que me penetre.

— Depois — Disse ausente. — Primeiro quero te levar a loucura… Com minha língua!

Deu a seu traseiro um pequeno empurrãozinho e a apressou em direção ao dormitório.

OH, Deus! Nunca esteve tão excitada. Sabia que seria assim! Teve Riley Scott em sua cabeça desde o segundo em que pôs os olhos nele. Suas risadas roucas e caretas graciosas nunca falhavam em colocá-la quente. Sua voz áspera a punha mais quente. A visão de seu corpo nu criou uma verdadeira fúria do inferno dentro dela!

Tampouco havia luz no quarto. Gostava disso. Deitando no colchão sobre o chão, Riley não era mais que uma sombra ameaçadora. A escuridão faz tudo mais sedutor. Mais sexy. Mais sujo.

Ele não comentou a falta de mobiliário, só posou seu olhar sobre seu corpo nu e murmurou.

— Abre suas pernas.

— Faz você por mim — Sussurrou com voz sedutora. Riley parecia desfrutar escutando-a tanto como ela desfrutava usando-o.

—Me obrigando a fazer todo o trabalho, huh?

—Sim!

—Eu gosto disso!

Aproximou dela, ajoelhou no duro chão de madeira e com um movimento brusco, separou suas pernas.

— Disse que esperou isto por dois anos? — Perguntou Riley

—Mmm—hmmm!!!

— O que queria exatamente Sam?

— Você! — disse.

—Seja mais específica!

Ela estava estendida de costas, suas pernas abertas, molhada e lisa para ele e… ele queria que fosse mais específica?

— Você dentro de mim! — disse.

— De novo está sendo imprecisa — Inclinou sua cabeça, olhando pensativo e calmo, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Que parte de mim quer dentro de ti?

— Seu pênis!

— Bom começo. Que mais?

— Seus dedos!

— Algo mais?

— Sua língua!

Ele deslizou suas mãos por suas pernas, acariciou o interior de suas coxas logo, esfregou uma palma de sua mão contra seu sexo palpitante. Ela conteve a respiração e gemeu por seu toque. Com uma delicada risada, inclinou-se para frente e afundou a cabeça entre suas pernas. Primeiro a provocou! Lambeu seus clitóris lentamente, com toques suaves com sua língua. Logo provocou um pouco mais! Subiu e baixou um dedo por sua buceta molhada, brincando com sua abertura sem entrar.

Ela não pôde suportar.

— Mais!

Enrolou os dedos em seu cabelo escuro empurrando a cabeça para baixo, levantando seus quadris e esfregando seu dolorido clitóris contra seus lábios.

— Chupa-o — Rogou.

Quase se envergonhou diante o desespero de sua voz, mas Riley parecia não se importar. Riu outra vez, mas, obviamente, possuía algum tipo de cavalheirismo, porque cedeu a seus desejos. Mamou seus clitóris, movendo rapidamente sua língua contra ele, mas negando a pressão que ansiava. Sua língua lançou fora, tomou uma breve mostra, logo se deslizou para saborear suas coxas. Ela gemeu e agarrou o solitário lençol colocado sobre o colchão, seu sofrimento era óbvio, mas ele não se desviou do passo preguiçoso, tortuoso, que estabeleceu. Justo quando ela abriu a boca rogando por mais, cravou a língua no clitóris e mamou encarecidamente.

Ela gritou, balançando sobre o bordo, tratando de prolongar o prazer ainda mais no segundo em que seus dedos entraram no jogo. Deslizou profundamente em seu interior, logo um segundo se uniu à ação, mais tarde um terceiro. Sua insistente boca quente e seus dedos peritos enviaram um torvelinho de sensações por seu corpo. O prazer a assaltou, embargando, penetrando. O fogo a consumiu! As ondas de prazer a estrelaram!

Chegou mais forte e rápido do que alguma vez podia recordar que viesse. Quando o orgasmo finalmente finalizou, ofegou em busca de ar, tratando de trazer o muito necessário oxigênio a seus pulmões.

— É muito bom nisto — Respirou.

— Assim me disseram.

Riley deslizou de modo que se encontraram à altura dos olhos, à altura dos peitos. À altura da pélvis.

A fome crua cintilou em seus olhos azuis.

—Por que não nos beijamos ainda? — Perguntou com curiosidade levantando suas sobrancelhas.

— Estávamos ocupados fazendo outras coisas.

— Isso não é desculpa!

Sam agitou e fechou suas pálpebras quando cobriu seus lábios com os seus. Seu beijo não era tenro a não ser brusco. Como sabia que seriam. Bisbilhotou seus lábios abertos com a língua e se provou a si mesma nele. Somente quando reclamava sua boca do mesmo modo que reclamava sua vagina, ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço e encaixou uma unha em suas poderosas costas. Cada centímetro deste homem era puro músculo. Adorava!

Colocou sua língua dentro e fora de sua boca. Sua barba raspava como o inferno seu queixo. Com um gemido, ele estendeu sua mão entre eles e começou a tocá-la de novo.

— Maldição, Sam! Quero fode-la de novo!

Podia sentir outro orgasmo crescendo em seu interior.

Queria ele em seu interior agora. Mas se forçou a levantar. Sua bolsa estava no chão, junto à porta, e foi direto a ela procurando sem jeito a caixa de camisinhas que escondeu ali anteriormente. Encontrou mas abri-la era outra história. Seus dedos estavam tremendo tão violentamente que logo pôde rasgar a tampa.

Com um sorriso, Riley ofereceu sua ajuda. Abriu a caixa, tirou uma camisinha e a pôs antes que tivesse tempo de piscar. E quando piscou se encontrou no colchão outra vez, de barriga para cima. Enquanto, Riley inclinava seu corpo musculoso sobre ela.

Sem dar tempo para reagir entrou nela.

Chegou ao clímax no mesmo segundo em que a encheu. Seus músculos internos apertando, seu corpo convulsionando enquanto gritava de puro prazer. Riley empurrou suas mãos debaixo de seu traseiro e tomou, levantou-a do colchão enquanto deslizava seu pênis dentro dela. Agarrou-a forte, rápido e brusco. Podiam ter passado horas ou minutos. Não tinha nem ideia e não importava. Enquanto a última onda de orgasmo se apoderava de seu corpo, quente e tremente, olhou fixamente ao homem que estava sobre ela, viu seus olhos entreabertos pelo prazer, ardendo com fogo. Seu rosto estava tenso, seu peito musculoso se esticava e flexionava quando bombeava nela.

Com um gemido acelerou o ritmo. Empurrões irregulares e bruscos. Logo murmurou.

— Vou gozar. — E perdeu o controle enquanto ela cravava os dedos em seu traseiro.

Depois rodou sobre suas costas e ficaram quietos enquanto cada um se recuperava do tornado erótico que passou por seu quarto.

O olhar do Sam vagou pelos músculos duros e planos do corpo de Riley. Estava quente outra vez tão somente olhando-o. Com um minúsculo sorriso, deslizou sua mão e começou a acariciar seu pênis meio ereto.

Riley gemeu.

— É um animal! — Resmungou.

— Como disse… esperei durante dois anos por isso.

Um fingido suspiro saiu de sua garganta quando deslizou sua mão entre as pernas. Ela gemeu e ele respondeu com um meio sorriso.

— Não posso deixar esperando uma dama! — Murmurou.

Capítulo 3

Riley despertou na manhã seguinte para encontrar o quente e nu corpo de Sam perto do dele. Uma larga perna estava envolta em sua coxa e o tato de sua sedosa pele provocou um grave apuro. Estava tentado a despertá-la com um beijo travesso entre as pernas. Mas se conteve. Não podia ter sexo com ela outra vez. Não até que dissesse a verdade sobre o Diamond.

Uma chicotada de dor apareceu imediatamente em suas têmporas. *Maldição!* Não queria fazer isto... Não depois de ontem à noite.

Ele esteve com suficientes mulheres. Mas nenhuma delas se comparava com Sam Taylor. Sam e seu pequeno corpo sexy… Sua língua ansiosa, os gemidos entrecortados quando gozava. Não acreditava que alguma vez pudesse saciar-se dela e um olhar entre suas pernas confirmava. Seu pênis estava inclusive mais duro do que estava a um momento, quando abriu os olhos e viu-a nua, deitada a seu lado.

Estava bastante seguro que uma vez que dissesse o que fez, nunca voltaria a vê-la nua outra vez.

Afogou um gemido, tentado deslizar fora da cama e ir embora do vazio apartamento. Sem notas. Sem despedidas. Só escapulir antes que ela despertasse e assim evitar o confronto. Provavelmente isso era o que ela esperava dele de todos os modos. Provavelmente ela pensava que abandonar uma mulher depois de ter sexo era o mais apropriado para ele.

E isso era, precisamente, o porquê não podia partir!

Não queria que Sam pensasse que era um imbecil.

Mesmo que, neste momento, sentia-se como um muito grande.

—Mmmm!

Seu suave murmúrio levou um sorriso em seus lábios. Passou seus dedos por seu despenteado cabelo loiro.

— Bom dia! — Saudou com um sorriso.

Com um diminuto bocejo, apoiou-se em seu cotovelo e plantou um beijo em sua bochecha.

— Bom dia! — Respondeu sonolenta.

Parece que os homens amadurecidos eram capazes de se comover, porque isso é exatamente o que ocorreu. Seu olhar percorreu seu precioso rosto, logo baixou a seu seio nu pressionado contra seu ombro. Vê-la ali deitada, quente e meio dormindo e tão obviamente saciada provocou um apertão em seu peito.

— Prepararei um pouco de café — Disse, sentindo-se incômodo. Desembaraçando-se de seu abraço, saiu da cama e ficou em pé.

— Não há máquina de café. —sentou e seus seios o provocaram, com seus mamilos rosados eretos e muito tentadores. —Todas minhas coisas estão em um armazém. — Admitiu quando passou seus dedos por seu cabelo enredado. — Não vi nenhum motivo para trazer tudo aqui, já que vou embora da cidade em uns poucos dias.

A culpa ardia em sua garganta como um gole de tequila. Sabia que ele era culpado de sua situação atual e de repente desejou não ter sido tão insistente na compra do bar. E… pressionar seu amigo, o do banco, para que negasse a Sam outro empréstimo foi um golpe baixo.

Mas deixar essa cidade era uma nova notícia para ele. Notícia que torciam seus intestinos em um intenso nó de culpa.

— Irá embora da cidade? — Finalmente conseguiu encontrar sua voz.

Sua expressão se tornou sombria.

— Sim! Não posso considerar ficar aqui.

— Aonde irá?

— Minha irmã vive em Nova Iorque e está disposta a me hospedar por um tempo. Pediria a Jane ou a Callie, mas estão recém-casadas e não quero incomodar — Encolheu os ombros, logo saltou do colchão e se dirigiu para a mala colocada perto da porta.

Sua culpa aumentou quando, finalmente, deu uma boa olhada no quarto que invadiram a noite anterior. Estava vazio, exceto pelo colchão e a mala. Nenhum móvel, nenhuma decoração.

Nada!

Sam pegou alguns objetos da mala e começou a vestir. Por muito que tivesse gostado de vê-la nua, por mais tempo, teve que se virar. Estava bastante seguro que sua vergonha estava escrita em todo seu rosto, e como podia não estar? Sam perdeu seu bar, seu apartamento e agora ia para Nova Iorque, para dormir no sofá de sua irmã. Deus sabe por quanto tempo. Sabia que ela esteve tendo problemas de dinheiro há um tempo. Mas… Maldita seja! Por que não tratou de ajudá-la em lugar de pensar só no que ele queria? Podia ter dado um empréstimo, embora conhecendo Sam, provavelmente não teria aceitado. Ao menos, deveria ter falado com ela antes de comprar o Diamond.

E agora era muito tarde para fazer as coisas corretas. Ela partia da cidade. E, merda, a ideia de não voltar a ver Sam rasgava suas vísceras.

—Não comece a sentir pena de mim. — Disse com a voz zombadora.

Seus braços rodearam suas costas nuas. Pressionou um beijo entre sua omoplata e acrescentou.

—É minha culpa estar quebrada**.** Obviamente, não dirigi muito bem o Diamond. Não posso culpar a esse imbecil por querer tirá-lo das minhas mãos!

Riley engoliu, perguntando se ela estaria com ele ou não, se soubesse que ele era o imbecil a quem estava se referindo.

— Além disso, o banco não podia me ampliar o empréstimo. Não tive mais jeito do que vender! — Beijou suas costas outra vez, logo brincando bateu no seu traseiro e se aproximou dele. — Vamos à cafeteria do outro lado da rua. Preparam um café fantástico!

Ele engoliu de novo, fazendo descer a aversão que sentia dentro de si. Necessitava dizer. Agora!

— Sam… — Começou.

Ela parou na porta e dedicou um sorriso malévolo.

— Sabe o que? Vamos pular o café e fazer sexo primeiro.

Seu pênis cresceu.

Nada de sexo! Diga a verdade!

—Na realidade… uma ducha também soa bastante bem. — Adicionou olhando obviamente, sem ver a batalha que ele tinha entre sua mente e seu corpo.

— Sam quero falar de algo…

Mas ela já estava tirando a camisa que acabava de colocar. Um momento depois, seus seios estavam expostos outra vez e desta vez não podia separar suas mãos. Aproximou dela, sujeitando seus peitos ao mesmo tempo em que ela agarrou o cinto do boxer.

— Podemos falar mais tarde! — Murmurou ela. Apoiou na ponta de seus pés, roçou os lábios com os seus e deu um bom apertão em seu traseiro. Ele fez uma última tentativa de confessar para ficar limpo.

— Sam preciso te dizer…

— Depois! — repetiu ela.

E então colocou sua língua na boca e imediatamente o calou. O banheiro de azulejos se encheu de vapor, criando uma atmosfera quente e sensual para a segunda rodada. Ou era a terceira? Quarta? Quinta? Sam perdeu a conta do número de vezes e a variedade de atividades sexuais que ela e Riley fizeram ontem à noite. Não precisava contar! As lembranças travessas eram suficientes… para o resto de sua vida! Percorrendo com seu olhar, acima e abaixo, o espetacular corpo do Riley, lutou contra o calor fervendo em seu ventre e apertou suas coxas antes de saltar no homem. As gotas de água dançavam pelo pelo encaracolado de seus abdominais e gotejava na saliente ereção de sua virilha.

Ela umedeceu seus lábios, sentindo-se de repente sem sentido e mais que um pouco excitada.

Seus olhos azuis piscaram com diversão quando ele seguiu seu olhar.

—Olhe o que fez! E antes que tomasse meu café da manhã.

Ela riu. O som chegou mais forte e melódica graças à acústica da ducha. Aproximou-se uma polegada mais e, lentamente, agarrou seu pênis com uma mão. Acariciou-o brandamente, apoiou-se na ponta de seus pés descalços e o beijou direto na boca.

Devolveu os beijos imediatamente. Empurrando sua língua entre seus lábios e movendo rápido dentro de sua boca. A água quente deslizava sobre suas costas e a provocava em sua pele rosada. Ficaram ali por um momento. Línguas enredadas, mãos explorando, até que ela não pôde resistir à pressão entre suas pernas por mais tempo.

Ela imediatamente caiu de joelhos. Precisava prová-lo de novo, antes de o tê-lo dentro si e de que a deixasse cair em um escarpado orgástico, respirando em uma nuvem de vapor. Rodeou sua ponta com a língua.

Riley deixou sair um gemido e logo se encostou à parede de azulejo.

Ela tomou sua ereção na boca, roçando brandamente seus dentes sobre sua longitude. Ele gemeu outra vez, murmurando.

— É muito boa nisto.

Pôs uma mão em seu cabelo e guiou-a ao longo de seu pênis, impulsionando dentro e fora de sua boca enquanto sua respiração pesada e irregular encheu o cubículo da ducha. Usando uma mão para acariciar suas bolas, bombeando através de sua longitude com a outra e chupando forte em sua ponta. Ela queria devorar esse homem. Queria levá-lo ao limite tão grosseiramente como ele a levou, voltá-lo louco como ele a deixou ontem à noite quando a levou ao limite uma e outra vez. Mas Riley não permitiu. Com uma pausa afogada, retirou-se de sua boca impaciente e a pôs de pé.

Ela gemeu em protesto, mas de repente, estava beijando outra vez e suas mãos estavam esfregando e acariciando cada polegada de seu corpo muito bem para ignorá-lo.

— Tem o físico de revista de playboy. — Murmurou quando beliscou um de seus mamilos. — Deveria ter trabalhado de modelo.

— Eu não gosto que tirem fotografias de mim.

— E… se fosse eu que tirasse as fotografias?

— Se fosse assim… poderia deixar! — Conteve um sorriso. —Os jogadores de beisebol sabem inclusive como funciona uma câmera?

— Muito engraçada!

— E ainda quereria me fotografar? Não preferiria me perseguir ao redor das bases… ou algo assim?

— É uma péssima comediante! — disse ele, embora estivesse rindo.

Agarrou seu traseiro molhado, colocando-a contra a parede de azulejos e brincou com sua vagina desde atrás.

Ela pressionou suas mãos na parede e fechou os olhos, gemendo, quando introduziu dois dedos. Uma rajada de prazer queimou suas terminações nervosas, fazendo mover contra seu toque. Ele a provocou por uns poucos minutos e acariciou seus lábios, dando voltas ao redor de seus clitóris com seu polegar, empurrando seus dedos dentro e fora dela. E, justo quando estava chegando e quando o orgasmo dançava por sua coluna e ameaçava romper a superfície, ele tirou sua mão e substituiu seus dedos pela ponta de seu pênis.

Empurrou dentro dela, torturando-a centímetro por centímetro. Mordiscando o lóbulo, subiu uma mão a seu seio, acariciando cada montículo parado, beliscando cada mamilo sensível, tudo isso enquanto mantinha um passo lento. E logo, toda sua longitude estava dentro dela e uma emoção sacudiu sua coluna. Ela não podia recordar quando havia se sentido tão completa.

Seus músculos interiores sujeitavam seu pênis. Não queria deixa-lo ir, mas ele não parecia se importar.

— Deus Sam, está tão estreita. —Murmurou em seu pescoço. A princípio ele começou a se mover lentamente, logo mais e mais rápido, levando-a em um ritmo muito intenso e irregular que a fazia ofegar por ar. Ela sentiu chegar tão perto, fechou os olhos, gemeu e logo ele saiu.

Um gemido de desilusão saiu de sua garganta.

Rindo, Riley girou e a agarrou pelo traseiro.

— Envolve suas pernas ao redor de mim. — Ordenou em voz baixa.

Ela obedeceu, fechando seus tornozelos sobre seu firme traseiro enquanto entrelaçava seus braços ao redor de seu pescoço.

— Está fazendo de propósito! Não? —Resmungou. — Trocar de ritmo a cada 5 segundos. Assim não posso gozar.

— De verdade está se queixando? — Bombeou nela um par de vezes, com um sorriso.

Ela suspirou quando uma onda de prazer cresceu em seu ventre.

— Acredito que não!— Cedeu.

— Bom! — Disse ele, logo capturou sua boca e a beijou tão profundamente que a fez perder toda capacidade de falar.

Enredando seus dedos sobre sua cintura, afundava dentro e fora enquanto que a água morna se deslizava por seus corpos, acariciando seus peitos da maneira mais deliciosa. Deus! Amava sentir a esse homem dentro dela! Suas fortes mãos acariciando sua pele molhada. Seus mornos lábios esfregando contra os deles. Era muito e, não era suficiente. Ela envolveu seus braços mais forte a seu redor, escondeu sua cabeça na curva de seu pescoço quando a penetrou em seu canal quente; cada longitude golpeava duramente, intensificando o prazer construído em seu interior. Finalmente voltou-se insuportável, seus músculos tão apertados que não podia aguentar, sua vagina doía com a necessidade de liberar-se.

Deixou ir, e o orgasmo golpeou seu corpo como um maremoto estala e bate na borda. Gritou, sua visão se nublou em só uma bruma vermelha e fragmentos de luz ao vermelho vivo, rendeu a cada gota de prazer que consumia seu corpo, gemendo quando ele apertou seus quadris e acelerou seus impulsos.

— OH, Deus! — ele engasgou. Com seu fôlego quente sobre seu pescoço, as palavras se perderam no vapor que os envolvia como uma manta morna. Sentiu seu pênis vibrar dentro dela e seu gemido voltou num grunhido de frustração quando ele se retirou, murmurando.

— Não há camisinha — e liberou com um movimento brusco. Seu sêmen se deslizou em seu ventre enquanto gemia e mordia o pescoço.

Perfeição!

Era a única palavra que podia ocorrer para descrever o que acabava de acontecer entre eles, à única palavra que fazia justiça à forma em que se sentiam quando estava com ele. Foram amigos por dois anos, mas estar com ele, estar realmente com ele, era um milhão de vezes melhor que trocar algumas brincadeiras e falar entre cervejas. Agora que sabia o que perdeu não quis pensar, nem por um só momento, que alguma vez retornariam a relação anterior, como era antes.

Vai embora da cidade — recordou uma pequena voz.

Mordendo seu lábio inferior, moveu sob o jato, deixando que a água encharcasse seu cabelo e rosto. Maldição! Esteve tão distraída, pela atração sexual por Riley, que esqueceu seus planos. Depois de amanhã estaria em um trem para Nova Iorque, onde planejava esquecer os anos de sua vida que dedicou ao Diamond, onde planejava começar do zero.

Mas podia realmente esquecer isto? Esquecer ele?

— Está bem? — Sua voz rouca rompeu o som da água caindo.

Ela estremeceu quando ele envolveu seus braços ao redor e se aproximou de seu pescoço.

Estava bem? Em absoluto! Mas não podia dizer a ele o que acontecia em sua mente, não quando nem ela estava absolutamente segura do que significavam seus pensamentos. Estava reconsiderando mudar? Riley quereria que ficasse? Não queria pensar em nada disso agora, não queria respostas a perguntas que não estava pronta para perguntar ou pior ainda, para perguntar a ele.

Assim em lugar de dizer isso mentiu e respondeu.

— Estou genial!

Capítulo 4

Embora tivesse feliz em ficar todo o dia e toda a noite na cama com Riley, Sam tinha planos para uma noite de tequila com as garotas e não tinha coragem para cancelá-la, especialmente esta noite, devido à necessidade desesperada de ter alguém com quem falar. Foi ao segundo grau com Jane e Callie e embora suas vidas tomassem caminhos diferentes, as três mantiveram contato.

Formaram um estranho trio: Callie a professora de pré-escola, Jane a pediatra e Sam a ex-proprietária de um bar. Callie e Jane se casaram com seus namorados do segundo grau enquanto que Sam seguia solteira, mas sem importar quão diferentes fossem suas vidas e profissões, estavam tão unidas como estiveram no nono grau, quando fofocavam na lanchonete e faziam suas tarefas juntas.

A primeira coisa que ela fez depois de se sentaram e tomarem uns quantos tragos, foi contar a suas amigas sobre Riley.

A Dra. Jane Pierce foi a que mais gostou da notícia.

— OH, Deus! — Exclamou enquanto tomava mais tequila nos caballitos[3]. — Lembra quando estávamos acostumadas a ir nos jogos do White Sox para comer com os olhos todos os jogadores?

— Não, o que lembro é a vez que convenceu o zelador para que deixasse entrar nos vestiários, onde terminou surpreendendo o treinador todo ensaboado — Disse Sam em resposta.

Jane explodiu em uma risada.

— Quase fez com que me prendessem!

— Deviam tê-lo feito!

— Estou surpreendida de que Brad siga casado contigo depois dessa tua fase de perseguição sexual.

Callie Howard soltou um grande suspiro.

— Estou ciumenta, Sam! Parece como se tivesse desfrutado de um sexo bastante louco.

— E seu marido não faz mais sexo louco? — Perguntou Jane, entregando um dos caballito a Callie.

— Oxalá me desse isso! Dan está muito ocupado trabalhando. — Ela sorriu. — Assim quero que me comprem um vibrador no meu aniversário.

[3] *Copo próprio para tomar tequila*

As três levantaram seus copos. Sam fez uma careta enquanto o líquido abrasador deslizava por sua garganta. Rapidamente levou uma metade de limão a sua boca e chupou.

— Chupou assim Riley? — Brincou Jane, e logo riu de novo.

— Tem uma mente suja — Queixou-se Sam.

Callie deixou seu limão de um lado e lançou um olhar interrogativo.

— Assim, seja honesta. Quanto grande é seu…? Já sabe!

— OH! Seu traseiro? É do tamanho apropriado. — Disse ela com pouca segurança.

— Muito graciosa. Sabe exatamente ao que me refiro. Ela balançou seu dedo. — Beije e conte!

Enquanto o álcool deslizava por seu sangue, seu cérebro começou a zumbir. Sua pele estava quente, um sinal de que os três tragos que acabou de beber, e mais um estômago vazio, começava a fazer seu efeito. Sem mais tequila para ela decidiu-se, quando a sala começou a dar voltas.

Riley havia prometido aparecer esta noite, querendo verdadeiramente falar com ela. Embora não estivesse segura de que essa necessidade era um código para "quero fode-la outra vez", mas, de todas as formas, ela não queria estar bêbada quando ele chegasse.

Por outro lado, tinha o pressentimento de que ele tinha algo em mente. Era a mesma sensação que teve ontem à noite quando virtualmente o seduziu, só que agora a punha cautelosa. Nos dois anos em que ela o conhecia, jamais viu Riley Scott atuar como remotamente próximo ao sério, e ela não estava segura de querer ouvir a confissão, fora esta qual fora, que ele queria fazer. Ela suspeitava que tivesse algo que ver com seu *status* de playboy, mas, realmente, não estava tão preocupada com isso. Ela sabia com certeza no que estava se metendo quando desejou e esperou ir para cama com ele, e também quando escutava sobre o desfile de mulheres com as quais esteve, antes que ela implorasse por cortar sua cabeça.

Agora, estava mais preocupada com as emoções desconhecidas rodando em seu ventre, a qual não tinha nada a ver com a tequila e sim tudo a ver com Riley. Por dois anos tentou vê-lo só como a um amigo, mas agora que eram íntimos, parecia poder reverter esse pensamento anterior. O sexo foi tão incrível. Como ela podia ter pensado nele platonicamente?

Não é que realmente soubesse o que sentia por ele. Algo, no interior de seu peito apertava cada vez mais, como quando se sentiu ao estar em seus braços ou como estava quente seu lábio quando tocava os seus. Desejava poder entender o que era isso, mas não estava completamente segura de querer saber agora mesmo. O que seja que sentisse pelo Riley, a assustava. Só um pouco. Não, bastante!

— Vou sentir saudades de você — Falou Jane, estendendo sua mão pela cabine e apertando a mão de Sam. — Quem se unirá a Callie e a mim para a noite de tequila quando você tiver ido?

Ela deixou de lado seu copo.

— O novo proprietário possivelmente?

— Sabe quem é? — Perguntou Callie curiosa.

— Irei me reunir amanhã com meu assessor financeiro para assinar alguns papéis. Então descobrirei quem é o comprador.

— Não posso acreditar que perca este lugar — comentou Callie com um suspiro, gesticulando pelo estreito bar.

Uma pontada de arrependimento e culpa agarrou seu intestino enquanto olhou com seu olhar as mesas desordenadas e as pequenas cabines. A barra cromada, seu *bar tender* Greg de pé, atrás dela. A mesa de sinuca e os dardos na esquina. O Diamond foi toda sua vida desde que seus pais morreram, e pensar em não o ter mais, trazia uma onda de amargura. Investiu cada centavo que tinha neste bar e agora todos esses centavos se foram. Ela temia ter que declarar falência alguma vez no futuro próximo, mas tentava não pensar nisso. Mudaria com sua irmã Alice depois de amanhã e esperava, desesperadamente, ser capaz de sair deste buraco financeiro.

— Sammy?

Ela levantou a cabeça e encontrou a suas amigas olhando-a com preocupação. Movendo uma mão, disse:

— É obvio que sentirei saudades! Mas agora é o momento de começar um novo capítulo em minha vida.

— O que tem Riley Scott? — Brincou Callie.

— O que há com ele?

— Como se ajusta em sua nova vida? — Ela duvidou e logo disse.

— Não o faz!

Jane soltou uma gargalhada.

— Falou como uma verdadeira prostituta.

Sam liberou seu fôlego retido perguntando por que incomodava tanto pensar em Riley fora de sua vida.

— Eu não sou uma prostituta. Ele é!

— Ei!

As três mulheres voltaram suas cabeças enquanto Riley se aproximava vestido com uns jeans e uma camisa vermelha.

O coração de Sam acelerou ao vê-lo, suas pulsações descontrolaram. Deus estava tão arrumado! Esses olhos azuis cinzentos, cabelo café desordenado, corpo elegantemente musculoso. Ele era a personificação do bombom para a vista.

— Acaba de me chamar de prostituto? — Perguntou, brilhando um encantador sorriso.

Jane devolveu o sorriso, mas Callie só olhou entre suas pernas. Sam soube que o estava estudando rigorosamente e tentando determinar o tamanho de seu membro.

Sam, é obvio, tinha experimentado todas suas oito polegadas, e seu clitóris inchava só de pensar.

— Não deveria escutar às escondidas. Respondeu. — Pode ser que não goste do que escute.

— Sempre gosto do que escuto. — Piscou os olhos. — Especialmente quando vem de você doçura.

— Não é necessário que me enrole. Já dormi contigo!

Ele riu entre dentes e logo franziu o cenho, quando notou a dúzia de caballitos sobre a mesa.

— Está bêbada — Indicou.

— Sim senhoooooooooor, estou.

— Também nós. — Disse Jane, apontando a ela e a Callie com um grande sorriso.

Riley suspirou.

— Mulheres e tequila nunca combinam!

— O que faz exatamente aqui? — Perguntou Sam. Retirou o cabelo do pescoço e abanou com uma mão. Era ela ou, em realidade, ficou quente aqui? Deve ser o álcool. Ou o homem. Provavelmente o homem!

— Devo falar com você sobre algo. — Ele estava incomodado, principalmente porque Callie continuou comendo sua virilha com os olhos.

— Como pode ver, estou ocupada.

— Não, não está. — Jane bateu seu pé, ficando de pé com Callie.

— O que há com a noite de garotas? — Perguntou Sam.

— São duas da manhã! Estou pensando que podemos chamar de uma noite bem sucedida e ir para cama. — Ao mencionar a palavra cama, Jane levantou uma sobrancelha a Riley.

— E possivelmente meu marido esta noite queira fazer sexo comigo — Acrescentou Callie antes que Jane a levasse.

Rindo suas amigas abandonaram o bar. Depois que a porta fechou atrás delas, uma das garçonetes fechou e deu a volta ao letreiro de aberto, assim que se lia fechado. O Diamond fechava às duas da madrugada aos domingos e enquanto Riley a ajudava a sair da cabine, o pessoal dos garçons e *bartender* começaram arrumar a noite.

— Está se movendo lerdamente. — Comentou Riley com um suspiro, sustentando seu braço para equilibrá-la.

— Não me estou movendo lerdamente!

— Sim, está! Também fala arrastada. — Deu um sorriso atrativo. — Devo dizer.. que está bêbada!

— Não estou! — Levantou sua cabeça para olhá-lo. Suas duras feições de repente viam imprecisas para seus olhos. Possivelmente não devia ter parado ainda.

— Veio aqui falar ou fazer sexo?

— Falar, ou a senhorita só pensa nisso? Mas acredito que terá que esperar. Obviamente não está em condições de prestar atenção. — Deu um pequeno apertão a seu traseiro. — Assim será sexo.

Ele a levou para um corredor traseiro, mas ela soltou de seu braço e o deteve.

— Uh—uh! Quero ficar aqui!

Ele baixou sua voz.

— E fode-la na frente de todo seu pessoal?

Movendo uma mão desdenhosa o empurrou a um lado e o sentou na cabine.

— Irão logo!

Todo seu corpo estava arrasado pela impaciência, e alerta enquanto ela esperava que seus empregados terminassem de limpar cada mesa e acabassem seus deveres noturnos. Riley não sentou, só ficou vigiando, estava intrigado. Ela estava bêbada, sim, mas não o suficientemente

bêbada para que não pudesse ver a oportunidade de ouro em frente. Ou mais especificamente, ao outro lado da sala. Ela imaginou este momento tantas vezes que agora não podia deixa-lo escapar.

— A caixa forte está fechada. — informou Greg, aproximando-se da cabine. — O depósito está aí, preparado para ser depositado no banco amanhã pela manhã.

— Obrrrigadooo, Grrreg!

O *bartender* sorriu.

— Está arrastando as palavras.

— Disse isso! — apontou Riley.

Um por um, os empregados do Diamond deixaram o bar. Depois que partiu a última garçonete, Sam tropeçou com seus pés e fechou, logo girou-se para Riley e disse:

— Mesa de sinuca!

Ele arqueou as sobrancelhas.

— O que tem isso?

— Vamos fazer sexo em cima da mesa.

Uma sobrancelha se elevou na frente.

— Está falando a sério?

— OH sim! — cambaleou para a mesa e saltou, então ficou sentada na borda do feltro verde.

Riley cruzou a sala com pernadas de determinação.

— Dá conta de que qualquer pessoa que passe na frente da janela nos verá?

— E?

Ele separou seus joelhos com as mãos e pressionou seu membro contra seu corpo. — É esta sua fantasia ou algo do tipo?

— Mmmmm—hmmm! — Ela envolveu seus braços ao redor de sua cintura e apertou seu traseiro. — A primeira vez que te vi, estava jogando nesta mesa. Desejo-te após e aqui.

Seu polegar riscou a linha de seu queixo.

— Devia ter tomado.

— Quis deixar as coisas para mais tarde. — Respondeu com um suspiro.

Seus dedos saltaram sob seu queixo e jogaram com o pendente de prata, pendurado em seu pescoço. Jogou com a letra “B” na corrente, vendo com curiosidade.

— O que significa a B?

— Bethany, o nome de minha mãe. Este colar pertenceu a ela. — Sorriu. — Acredito que teria a agradado, sabe?

Ele fez um compungido movimento de cabeça.

— Estou a ponto de… dormir contigo na mesa de sinuca. Ela teria odiado!

Sam riu.

— Nah! A mamãe gostava dos meninos maus tanto como eu.

— Assim pensa que sou um menino mau, huh?

Antes de poder responder, ele deslizou sua mão sob sua saia de desenho floral e tirou suas calcinhas. A seda deslizou por suas pernas e segundos depois, seus dedos estavam dentro dela.

Ela gemeu.

— Bem, você está bem, eu estou. — Murmurou entre dentes. Moveu seus dedos, sorrindo quando ela choramingava. — Você gosta disso?

— Siiim!

Ela mal podia manter sua cabeça direita enquanto Riley movia seus dedos dentro e fora dela. Essa embriagadora e atordoante sensação zumbia através dela e se mesclava com a emoção de ser tocada sobre a mesa de sinuca, a dez passos da janela, onde qualquer pessoa podia vê-los.

Com uma mão, Riley baixou o decote de seu Top e expôs seu sutiã. Ela, rapidamente desabotoou o fecho dianteiro para que tivesse um melhor acesso, mordendo ele sua pele sensível até que deixou sair um grito de prazer que estava na borda da dor.

— Deus, como te desejo! —Sussurrou entre dentes contra seu seio e continuou empenhado em provocar a vagina com seu dedo.

Ela abriu a boca para dar um sussurro entrecortado, mas, de repente, um orgasmo a rasgou, pegando-a de surpresa.

— Riley! — queixou-se enquanto se opunha a seus minuciosos dedos.

Lutou por manter a respiração, mas perdeu o oxigênio de seus pulmões novamente, quando ele baixou as calças e colocou seu pênis duro como uma rocha. O contato com a mesa de sinuca arranhava seu traseiro, mas não se importou.

Isto era o que supunha que tinha que ser o sexo! Fora de controle. Selvagem. Só duas pessoas tomando todo o prazer que podiam obter do outro, gemendo, ofegando, levando o outro ao limite do orgasmo.

Ela o sentiu retirar e agarrou firmemente seu traseiro nu, mantendo entre suas pernas.

— Termina dentro de mim! —Disse ela entre dentes. — Tomo pílula. — Enterrou seus dedos em suas nádegas duras. — Preciso te sentir dentro de mim.

— Sim, senhora!

Ele empurrou uma vez, duas vezes e logo explodiu dentro dela, apertando seus seios enquanto terminava.

Estremecendo, pressionou seu rosto na curva de seu pescoço. Sua barba de dois dias roçava sua pele, mas gostava. Com um ronrono satisfeito, ela o beijou na boca e dizia — Realmente devíamos ter feito isso faz dois anos.

Sua respiração quente acariciava sobre seu pescoço enquanto gentilmente colocava um beijo contra sua pele. Quando retrocedeu, ela viu a indiscutível angustia em seus olhos.

— Sam, de verdade, precisamos falar agora!

Ela enroscou seus braços ao redor de seu pescoço e pôs seu rosto contra seu ombro largo.

— Não. Conversar não!

— É importante!

— Nada pode ser mais importante que desfrutar de minha última noite na cidade. — Ela estava sobressaltada ao sentir seus olhos cheios de lágrimas.

Deus! Ela nunca chorava! Obviamente o álcool a punha sentimental. Ou possivelmente era pensar em dizer adeus a Riley amanhã.

Ele deve ter sentido a umidade passando por sua camisa, porque inclinou seu queixo com uma mão e acariciou seus olhos úmidos com a outra.

— Ouça, não chore! — Murmurou. — Não dirijo bem as lágrimas, na verdade.

— Sempre só você, huh? — Tentou soar cômica, mas falhou.

Lentamente, ele retirou seu pênis e subiu o zíper de seu jeans, arrumando sua camisa ao mesmo tempo. Com mais gentileza do que ela jamais tivesse pensado que fosse capaz, tomou-a em seus braços e a levou a corredor de atrás. Levou-a todo o caminho em seus braços até o segundo piso do apartamento deserto, entrou em seu dormitório e a deixou no colchão. Ele se uniu segundos depois, deitando de costas e aproximando-a para ele, assim seu rosto descansava em seu ombro.

— Deve dormir — Disse ele tranquilamente. — Amanhã terá um inferno de uma ressaca.

— Não estou cansada.

Ele começou a acariciar suas pequenas costas, o calor de seus dedos a queimava através do tecido de algodão de seu Top e incendiava sua pele.

— Isto é bom! — Murmurou em seu pescoço.

— Sim.

Sua voz soava tremendo por quê? Por que parecia tão angustiado?

Acaso se arrependia de ter ido para cama com ela? Não acreditava porque ao se atrair para ele, para abraçá-la mais forte, soube que ela o excitava. Mas tinha a sensação de que Riley estava bravo com ela. Normalmente teria perguntado diretamente o que acontecia. Eram amigos que falavam tudo. Mas não podia fazê-lo agora. Deitada aí, em seus braços, sentia-se tão bem. Tão perfeito! E não queria arruinar este momento perfeito.

Assim não o fez. Manteve sua boca fechada, forçou a não tirar para fora o assunto que não estava segura de querer escutar, e se aconchegou contra ele.

Ao cabo de um momento, dormiu rapidamente.

Capítulo 5

Riley não pregou olho, e não só porque estava completamente vestido e odiava dormir com calças. Ele não dormiu pela mulher que tinha em seus braços, a mulher atrevida e formosa que estava malditamente tranquila, antes de dormir com sua cabeça sobre seu peito. Ele jamais passou a noite com uma mulher. Seus encontros sexuais frequentemente duravam até altas horas da manhã, mas sempre partia imediatamente depois e se levava a garota a sua casa, o que era estranho, usualmente pedia que partisse, alegando que dormia melhor sozinho.

Mas, pela segunda noite consecutiva, dormiu na cama de Sam.

O que o preocupava, inclusive mais que o fato de que passou toda uma noite com uma mulher, era que não desgostava. Não se sentia estranho nem equivocado, nem provocava esse brilho de pânico que poderia ter aproximado mais.

A verdade era que sempre se sentiu próximo de Sam. Esteve vindo ao Diamond por dois anos, e se era honesto consigo mesmo, admitiria que tivesse mais a ver com a proprietária do bar do que pelo estabelecimento em si.

Seguro! As asas de frango eram para comer com os dedos, mas Sam era a razão pela qual ele seguia retornando. Nunca antes foi amigo de uma mulher. Quando jogava nos White Sox, todos seus amigos tinham sido os jogadores da equipe. Mantinha-se em contato com um montão dos meninos, mas, desde que saíram, eles se afastaram. Sam foi à única amiga que teve nos últimos dois anos, e sempre passavam bons momentos juntos. Jogando sinuca, brincando e flertando.

Mas agora que foram para cama, deu-se conta de que estava passando mais que um bom momento. Ele se sentia em paz! E, de repente, ficou a pensar. Expôs-se a razão pela qual jamais esteve interessado em relações e chegou à conclusão que, possivelmente, não era porque não queria comprometer-se, como sempre acreditou e sim porque não encontrou, jamais, a uma mulher que lhe importasse o suficiente para comprometer-se. Jamais foi amigo de uma mulher com a que se deitava e possivelmente isso era o que sempre faltou em sua vida amorosa.

Deus! Ele deveria ter falado com a Sam antes de comprar o bar. Comprou o Diamond esperando conseguir uma realização em sua vida, mas agora mesmo, sustentando Sam em seus braços, não podia recordar ter se sentido mais realizado. E, agora, tentando obter sua própria realização, estava destruindo Sam. Em lugar de ajudá-la a encontrar uma forma de manter o bar, ele o tirou. A realização causou com que a culpa o golpeasse como um jorro de água gelada no rosto.

— Ohhh!

O som de sua voz torturada o fez olhar para baixo. Ele sorriu ligeiramente quando viu o óbvio desconforto em seus formosos olhos azuis.

— Disse que teria ressaca! — Murmurou, plantando um beijo em sua fronte. Ela se sentou levando até as roupa de ontem à noite, então se encolheu e estendeu seus braços para massagear suas têmporas.

— Sinto como se tivesse sido atropelada por um caminhão — Resmungou.

— Vá à ducha! — Aconselhou. — Irei comprar café no restaurante do outro lado da rua.

Era difícil desfrutar da ducha da manhã quando sua cabeça continuava pulsando implacavelmente. Sam rapidamente se ensaboou e enxaguou, logo entrou no dormitório e se vestiu rapidamente. Agarrou um frasco de aspirinas de sua bolsa e tirou duas pílulas, esperando que a dor de cabeça passasse antes de ir ao banco. Quando entrava na vazia sala de estar, Riley estava entrando pela porta com dois copos de isopor em suas mãos.

Ela aceitou o copo que entregou e bebeu o café. Um olhar no seu relógio disse que eram quase nove em ponto. Devia estar no banco às nove e meia.

— Está bem? Está um pouco verde… — Comentou Riley abrindo a tampa de seu copo e levando até sua boca sensual.

— Estou bem — Ela terminou o café e atirou o copo na bolsa de plástico que estava no chão, a qual usava como lixo. — Tenho que estar no banco em meia hora. — Deu um sorriso pequeno. — Acha que vomitarei se nós fizermos uma rapidinha?

Ele fez uma careta.

— Você me perguntando isso indica que não há maneira de que tenhamos uma rapidinha.

Ela fez uma careta.

— Ouça, prometo não vomitar em você.

— Recuso-me a arriscar.

— Bem. — Ela fingiu franzir o cenho e logo riu.

Um curto silêncio se estendeu entre eles até que Riley finalmente esclareceu sua garganta e disse:

— Quando precisa pegar o trem para Nova Iorque?

— Sai às cinco.

Seu humor pícaro morreu com rapidez diante do aviso. Ela olhou o arrumado rosto de Riley, percorreu com seu olhar essa boca sexy, a barba de vários dias cobrindo seu queixo definido, a pequena cicatriz sobre sua sobrancelha esquerda. Uma onda de tristeza a assolou. Não queria despedir-se dele! Não agora! Foram amigos por dois anos e amantes por só dois dias, mas, quando o olhou, não podia recordar nem um só momento em que não tenha feito amor, ou beijado, ou dormido em seus braços.

— Posso tomar o trem de mais tarde! — encontrou-se dizendo estupefata pelas palavras.

Seus olhos nublaram e uma pontada de dor deslizou em seu interior, como uma faca.

Deus, ela era uma idiota! É obvio que ele não quereria que ficasse. Provavelmente ele só foi para cama com ela porque pensou que ela não estaria depois a seu redor, pressionando-o com uma relação. Provavelmente não podia ver a hora em que ela fosse embora da cidade, assim ele poderia continuar com sua vida de aventuras casuais e encontros sem sentido.

Ela tragou e baixou seu olhar para seus pés.

— Ou posso partir às cinco… Não há diferença!

Ele se aproximou, um segundo depois, suas mãos cobriram seu queixo, forçando-a a olhá-lo.

— Enorme diferença! — Corrigiu. — Sam…

Sua voz cortou e ela quase riu. Jamais viu Riley Scott assim…

Incomodado.

— O que mais desejo é que tome o trem mais tarde — Continuou com uma voz áspera. Deteve-se novamente. — De fato… nada disso! O que mais quero é que não tome esse trem e fique aqui comigo.

Seu coração deu um par de saltos. Olhou, perguntando se o escutou direito, se suas próprias e encontradas emoções, de alguma forma, formaram as palavras. Ele queria que ficasse? Ficar com ele?

Não! Obviamente estava imaginando!

— Quero dizer exatamente isso — Disse ele seguro, como se lesse sua mente. —Quero que fique!

— Quer isso?

— Sim — E logo a dor atravessou seu rosto — Mas não posso deixar que tome essa decisão até que saiba a verdade.

Esse sentimento quente e confuso, correndo por suas veias lentamente, dissolveu-se. Seus olhos azuis estavam sérios, brilhando com o que se via como culpa.

—A verdade? — Repetiu, engolindo com dificuldade para manter sua cautela a raia.

Ele retrocedeu. Passou seus dedos por seu cabelo rebelde. Não falou por um comprido momento, e ela pôde ver uma batalha arrasadora em seus olhos. Sua cautela se aprofundou, convertendo em suspeita, confusão, alarme. A expressão em seu rosto recordou a que ela sempre tinha quando mentia a seus pais, quando menina como se ele tivesse feito algo mau.

— Riley, o que ocorre? — Perguntou finalmente, dirigindo seu olhar a ele.

— Fui eu quem comprou o Diamond.

A confusão estampou no formoso rosto de Sam e fez que doesse o peito de Riley. Ele a observava enquanto ela piscava um par de vezes, tentando compreender o que acabava de dizer.

— Ao que se refere com comprou o Diamond? — perguntou ela finalmente.

— Exatamente o que quer dizer! —Apartou seu olhar. — Sou o que convenceu o banco de não te dar o empréstimo. Queria o Diamond para mim!

A confusão em seus olhos se atenuou, substituída por um brilho de suspeita.

—Você foi nas minhas costas e falou com o Jim Thompson?

Sua voz saiu dolorida enquanto dizia

— Jim e eu nos conhecemos há anos. Disse que estava interessado no Diamond e…

— Decidiu-me foder? — Completou seu tom cortante.

— Sim!

Um curto silêncio se interpôs entre eles. Ele podia ver as diferentes emocionais em seus olhos: fúria, traição, desilusão… Senhor, a desilusão era de longe a pior. Deslizava por sua garganta e fazia que seu interior se derrubasse na culpa. Ele viu antes esse olhar de desilusão nos rostos de outras mulheres, geralmente quando dizia que não estava interessado em uma relação séria, mas, vê-la em Sam, era muito duro para suportar.

Ele não queria que ela o olhasse assim. Queria voltar a ver de novo a faísca em seus sensuais olhos azuis, a malícia quando ela devorava seu corpo, a risada e a diversão.

— Por quê? — Perguntou com os dentes apertados.

Ele esfregou seu rosto, movendo incomodamente.

— Queria o Diamond. Queria… fazer algo com minha vida. Desde que sai, estive inquieto. — fez uma pausa. — Quero converter o Diamond em um bar esportivo. Estranho o jogo, Sam! Pensei que dirigir este lugar ajudaria a manter minha mente ocupada, esquecer que sou a primeira estrela de beisebol com um joelho estragado, alguém que não está fazendo nenhuma maldita coisa com sua vida.

— Assim está usando meu bar como um tipo de distração?

— Nunca te obriguei a vender Sam! E nunca pensei que deixaria a cidade uma vez que vendesse.

Suas mãos fecharam em apertados punhos a seu lado.

— Por que, simplesmente, não veio para mim e me fez uma oferta…, em vez de fazer as minhas costas? — Perguntou friamente.

Ele engoliu.

— Não pude pensar em uma maneira de dizer sem te incomodar. Sei quanto adora o bar, e eu soube que não se separaria facilmente dele ou por vontade própria. E soube que acabaria tendo rancor quando tratava de tira-lo de você.

— Mas… tirou-me!

— Sim! — Ele deixou sair um grunhido de frustração. — Sou um bastardo egoísta OK? Necessitava de algo em minha vida e pensei que o bar poderia ser esse algo sabe?

Outro silêncio desceu, este com uma afiada amargura.

— Deitou-se comigo sabendo que me tirou o Diamond — respondeu finalmente com seu tom acusatório.

— Sim! Sinto muito! — sua voz era tranquila, arrependida, mas pôde ver que o arrependimento não fez nada para aliviar a crescente fúria de Sam.

— Todas essas vezes que me queixei contigo sobre minha vida desastrosa… — Ela agitou sua cabeça com ira. — Contei quanto fiquei arrasada por perder tudo pelo qual trabalhei tanto, o Diamond, minha casa, e fingiu que se importava.

— Não estava fingindo. — Protestou ele.

— Então não tirou vantagem de meus problemas para fazer o que queria?

— Sam…

— Pensei que fossemos amigos.

— Fomos. Somos! — disse desesperadamente.

E inclusive enquanto dizia as palavras, ele sabia que estava mentindo. Eles não eram só amigos. Nestes dois últimos anos, eles construíram uma associação, uma forte amizade, mas do momento em que dormiram juntos, converteu-se em muito mais. Pertenciam-se! Nenhuma outra mulher o excitou, nem uma vez, da maneira com que Sam o fez. Ela o fazia rir, excitava-o e o desafiava.

E ele a amava… Maldição! Amava!

E em vez de mostrar quanto importava… O que fez? Fugiu de uma relação com ela tomando vantagem de sua situação financeira, e mais ou menos a obrigou a deixar a cidade.

Ele sabia que ela esteve lutando para manter o Diamond muito antes desta confusão, mas se o banco tivesse dado mais tempo para pagar o empréstimo, ela podia ter sido capaz de resgatar o bar. Ele deveria ter dado a oportunidade de tentar trocar as coisas. Ou, pelo menos, falar sobre suas intenções antes de comprar o lugar.

— Sabem, todos dizem quão arrogante e egoísta é… — Soltou-a. — Mas sempre vi outro lado de você. Sempre pensei que, no fundo, era um cara decente.

Isso doeu! Miseravelmente, seu coração se contraiu e murchou em seu peito.

— Admito, posso ser um idiota! — Disse tranquilamente. — Posso ser arrogante e exigente e, definitivamente, tive meus momentos egoístas. Mas não comprei a parte do Diamond para te

irritar ou porque te queria foder. Só queria ter um propósito de novo na vida, algo em que pôr minha energia.

— Entendo isso! De verdade que faço. — Sua voz estava mais suavizada. — O que não posso entender é… como pôde ir para cama comigo sem me dizer a verdade.

Sua maçã do rosto estremeceu quando engoliu.

— Meu desejo por você pode ter nublado meu julgamento!

— Assim que… achou que foder era mais importante que ser honesto com uma amiga? — Franziu o cenho com repugnância. — Estes últimos dois dias pensou que talvez fosse capaz de te interessar por alguém mais que por ti mesmo. Obviamente… estava errada!

— Isso não é justo! — Ele se aproximou e tocou sua bochecha. Ela tentou afastar sua mão, mas ele a manteve aí, percorrendo as bordas de seus lábios com seu polegar.

— Sou capaz de me preocupar com alguém que não seja eu. Preocupo-me com você!

— Certamente tem uma maneira de demonstrá-lo.

— Fui um imbecil! Deveria ter falado contigo sobre meus planos, OK? — Ele se girou esgotado. — Tem razão! Estava só pensando em mim mesmo nesse momento. Mas me dava conta de que era um engano. Estes últimos dois dias me tem feito dar conta do quanto você significa para mim, Sam.

Ela, de novo, tentou empurrar para longe sua mão, mas ele simplesmente a substituiu com sua boca. Ela deu um grito afogado, tentando afastar, mas ele a manteve prisioneira com seu beijo. Um sentimento de pura veracidade deslizou através de seu corpo. Ele sabia que ela sentia também, quão perfeitamente seus lábios se moldavam, quão quente queimava o fogo entre eles. Com um gemido estrangulado, ela empurrou seu peito e rompeu o beijo.

— Não deveria ter pedido que deitasse comigo. — Murmurou, dando um passo para trás.

O pânico deslizou por sua coluna. Suas palavras soavam muito definitivas, muito decididas.

— Não diga isso!

— Por que não? É certo. Deitar contigo foi um engano.

— Ambos sabemos que, realmente, não quer dizer isso. Ele estendeu sua mão, mas ela evitou pegar.

— Isso é o que quero dizer! — exalou uma pausa. — Tivemos um sexo incrível, mas agora acabou. Espero que desfrute administrando o Diamond tanto como eu o fiz.

Passou junto a ele e entrou no quarto. Ele quis segui-la, mas, em vez disso, ficou parado no lugar, tentando encontrar as palavras para arrumar tudo isto. Tinha que dizer que a amava! Tinha que fazer outra tentativa a mais, faze-la ver que se arrependeu tanto do que lhe fez.

Ela voltou para a sala de estar, sua bolsa na mão, e se dirigiu para porta principal. Suas costas estavam voltadas para ele.

Quando ela não deu a volta ele esclareceu sua garganta, sabendo que não podia deixá-la ir sem dizer a verdade, algo que deveria ter dito fazia muito tempo!

— Amo você, Sam! — Disse brandamente.

Ela vacilou. Só por um momento. Ele viu seus ombros caírem um pouco, escutou sua funda inspiração. A esperança floresceu dentro de seu peito. Por favor, por favor, não a deixe ir! Esperou, rezou para que desse volta devolvesse as palavras, pulasse em seus braços.

Mas… não o fez!

Seus ombros se esticaram, suas costas endireitaram. Sem responder, ela pôs a alça de sua bolsa, sobre seu ombro, e deu um passo para a porta.

— Não há necessidade de fechar depois de que eu vá. Agora é dono deste lugar recorda?

Capítulo 6

Três semanas mais tarde, Riley ficou olhando ao redor do vazio bar e liberou um lento fôlego. A equipe de construção foi de noite e deixou o lugar um desastre. As paredes foram completamente destruídas, o balcão e as cabines não estavam e o piso estava coberto com serra e sujeira. As renovações eram tediosas, mas sabia que precisavam ser feitas. Planejou converter o Diamond no bar esportivo mais frequentado de toda cidade, e estava eliminando, inclusive, o apartamento acima, assim podia ser usado como sala de bilhar.

Derrubar as paredes do apartamento foi difícil, por dizer mais suave. Nem sequer podia entrar lá dentro sem pensar em Sam! Sem recordar das duas noites que passaram enredados sobre esse colchão, no chão, beijando, tocando-se e fazendo amor.

Estar em baixo tampouco era muito agradável. Onde olhasse, ele via Sam! Sua presença estava gravada em cada polegada da sala, nas paredes, no chão, em todas as partes. Recordava a primeira vez que ele entrou aqui e pôs seus olhos na preciosa loira. Ela estava conversando com uma de suas garçonetes, mas deu uma olhada quando ele entrou. A apreciação em seus olhos foi inequívoca.

Recordou ter deixado o bar essa noite com outra mulher. Que engano tinha sido! Perguntou se as coisas tivessem sido diferentes se ele só tivesse admitido sua atração por Sam faz dois anos, em vez de ocultá-la; em vez de pular na cama com ela no último segundo possível, enquanto escondia-se a verdade.

Agora ela se foi, já fazia quase um mês e isto o afligia e o inquietava e como sentia saudades! Por dois anos ela fora à única garota fixa em sua vida e agora que não se encontrava mais, deu-se conta do quão importante era sua amizade para ele.

Demônios, realmente era um idiota não?

— Sr. Scott?

A voz masculina o tirou de seus pensamentos e pôs um paradeiro na sua sessão de auto compaixão. Olhou para cima e viu Brad, o capataz da equipe, saindo do corredor na parte de trás, que levava para cima, ao apartamento do segundo piso.

— O que aconteceu? — Perguntou Riley ao homem maior.

Brad pôs sua mão no bolso traseiro de seus jeans salpicados de tinta.

— Um de meus rapazes encontrou isto no quarto de cima, hoje cedo. — Sustentou um colar de prata familiar.

A dor cortou dentro dele. Ficou olhando ao pendente de prata com o “B”.

Bethany. A mãe do Sam. Recordou que ela esteve usando o colar na noite antes que se afastasse e, em sua pressa por fugir dele, deve ter esquecido.

Seu peito se esticou com a lembrança de Sam desaparecendo através dessa porta. O fato de que nem sequer girou quando disse que a amava. Mas ele não a culpava. Mentiu sobre a compra do bar, por que ela acreditaria em sua declaração de amor? Demônios, tampouco ele acreditava muito! Viveu uma vida superficial por tanto tempo que não acreditou ser possível querer ter uma vida fixa com alguém. As relações alguma vez o interessaram. Estar com uma mulher pelo resto de sua vida? A ideia estava acostumada a ser tão atrativa antes como ter suas costas depilada.

Agora isso era tudo no que podia pensar.

—Acho que conhece a quem pertence isto — disse Brad, entregando o colar.

Riley curvou seus dedos sobre a delicada corrente.

— Sim, conheço a proprietária.

O regozijo dançava nos olhos do outro homem.

— Namorada?

Ele tragou dificultosamente.

— Um pouco parecido!

— Bom, assegure de que a pequena dama o receba. Já sabe como são as mulheres com suas joias. — Brad dirigiu-se à porta sorrindo, passando sobre uma pilha de dois por dois no caminho. — Vejo-o amanhã, chefe!

Depois que o capataz partiu, Riley olhou fixamente para o colar. Assegure que a pequena dama o receba. Sim, deveria devolver a Sam. Era de sua mãe e, definitivamente, iria querer de volta. Por um momento, viu chamando Jane ou Callie e entregando o colar a uma delas. Ou podia conseguir o endereço da irmã de Sam e enviá-lo pelo correio a Nova Iorque. Ou…

Ou podia fazer o que devia ter feito há três semanas… pegar o primeiro voo a Nova Iorque e concertar as coisas com Sam.

Ele olhou novamente a corrente e logo olhou para o bar meio renovado.

E, nesse momento, soube exatamente o que tinha que fazer.

Depois de três semanas dormindo no sofá de sua irmã, andando a procura de trabalho, Sam decidiu que a vida, provavelmente, seria um inferno mais fácil e suportável se pudesse tirar Riley Scott de sua cabeça, mas, até o momento, não descobriu como o exorcizar de seu coração.

Desde que partiu, não soube nada mais dele. Jane disse que o Diamond estava sofrendo uma reforma total, de cima abaixo, e que viu Riley no lugar umas poucas vezes. E, aparentemente, perguntou por ela. Ele nunca ligou.

Bom… isso é o que acontece quando se fode com playboys!

De pé, junto à janela da sala de estar, no apartamento de sua irmã, Sam bebia seu café e olhava as luzes na distância. Eram quase nove em ponto de quarta-feira, mas a cidade parecia completamente viva para ela. O som das buzinas dos carros enchia o ar e a rua abaixo estava cheia de gente que caminhava com pressa. Suspirando, entrou na pequena cozinha de sua irmã e

enxaguou sua xícara sob a torneira. Ouviu o telefone soando, rapidamente secou as mãos em um pano e pegou o telefone sem fio que estava na mesa próxima.

— Alô.

— Olá, sou eu.

Seus olhos se alargaram.

— Riley?

— Ainda reconhece minha voz. É um bom sinal! — Houve uma pausa. — Assim… vai me deixar subir ou o que?

— Huh? Onde está?

— Aparece na janela.

Intrigada, manteve o telefone em sua orelha e se dirigiu à sala de estar. Tirou sua cabeça pela janela aberta e viu Riley na calçada em frente de seu edifício, apoiado no farol, com um telefone celular em sua orelha. Seu coração derreteu, não pelo ar pesado da noite, mas sim por ver seu rosto sexy. Ela sabia que devia estar zangada com ele, mas, no segundo em que seus olhares se cruzaram, toda a fúria do último mês pareceu se dissolver.

— Veio até Nova Iorque me ver? — Perguntou ela, todo seu corpo voltando quente.

— Sim. E… tenho que te dar algo.

Ela levantou suas sobrancelhas.

— Um presente?

— Desce e descobre!

Inclusive estando quatro andares abaixo, ela podia ver a felicidade dançando em seus olhos azuis.

Ela estava tentada a desligar o telefone e correr, não, voar para baixo, mas não queria render-se tão facilmente. O fato ainda era que ele mentiu para ela. Deitou com ela todo o tempo escondendo o fato que comprara o Diamond.

— Diga-me o que é e decidirei se quero descer ou não.

— Imaginei que seria difícil.

Enquanto ela o observava, ele colocou sua mão no bolso interior de sua jaqueta. Um segundo depois, estava sustentando o colar que ela esqueceu em Chicago. Ela se deu conta de seu esquecimento no momento que tomou o trem para Nova Iorque, mas pensar em voltar e ver, novamente Riley foi muito doloroso. Planejou pedir a Jane que procurasse o colar, mas aparentemente Riley tinha outras ideias.

— Viajou até aqui para me devolver meu colar?! — Gritou incapaz de deter a felicidade crescendo dentro dela.

— É importante para você! — Disse ele.

As lágrimas alagavam atrás de suas pálpebras. Separando-as, esclareceu sua garganta repentinamente seca e disse

— De acordo, pode subir agora!

— Espera, há mais — Disse ele, procurando novamente em seu bolso. Desta vez tirou o que parecia uma pasta. Levantou para que ela a visse.

— O que estou vendo exatamente? — Perguntou com cautela.

— É a escritura do Diamond. Em seu nome!

Uma onda de comoção percorreu seu corpo.

— O que?

— Estou devolvendo o bar, carinho. Livre de tudo!

Seus dedos se estremeceram no telefone. Por um momento perguntou se era outro jogo, outra manobra porque não entendia por completo.

— Por quê? — Perguntou ela finalmente.

— Porque não o quero.

— Desde quando? — A suspeita revestiu sua voz enquanto acrescentava — O último que escutei foi que ter o Diamond era tão importante para ti que esteve disposto a levar a merda a alguém que, supostamente, importava para você.

— Supostamente não! — Replicou ele brandamente.— E, definitivamente, não importava.

O insulto perfurou sua pele.

— Desculpa?

— Não me preocupo com você, Sam. Amo você! Era o que sentia de verdade, quando disse isso o dia em que foi e o sinto agora.

As palavras roubaram a respiração de seus pulmões! Ainda não podia confiar completamente nele. Não acreditou na primeira vez que disse. As palavras pareciam muito desesperadas, muito convenientes, como se houvesse dito para que o perdoasse. Mas agora, olhando, se perguntava como sentia de verdade.

— De verdade, me ama? — Perguntou ela.

Ele inclinou sua cabeça e deu um sorriso.

— Do momento em que te conheci! — Titubeou. — Sei que atuei como um idiota. Não te contei os meus planos para o Diamond e… o lamento. Mas tem que saber que prefiro ter você em minha vida que um tolo bar. O Diamond não tem sentido sem você dentro!

Ela tragou. Dificultosamente. Em silêncio, repassou uma e outra vez suas palavras em sua cabeça, estudando a expressão séria nesses olhos azulados. Ela estava ligeiramente surpreendida por tudo. A arrogância e o ego partiram sendo substituídos por um tenro e amoroso Riley que ela sempre soube que havia sob a superfície.

Ela tragou de novo e logo soltou um lento suspiro.

— Não voltarei ao Diamond.

— Não o fará?

— Não! Não, a não ser que seu nome esteja ao lado do meu nesse papel. Não, a não ser que esteja a meu lado administrando.

Ela escutou sua brusca respiração ao outro lado da linha.

— De verdade quer isso?

— Sim!

— Você… me perdoa?

— Sim!

— E me ama?

Ela sorriu.

— É obvio!

Ela o viu sorrir. Logo ele pendurou o telefone, pôs suas mãos sobre sua boca e gritou.

— Então, desce seu encantado traseiro aqui agora mesmo!

Com um sorriso, ela saiu do apartamento, desceu as escadas e foi direto aos braços de Riley.

Fim